GERALDO SANTOS PEREIRA

C O N T O S D E D U A S I D A D E S

CORRIGIDO

RIO DE JANEIRO, 1974

Para Mário de Andrade, amigo

guardado na memória e no carinho

PASSADAS

LARGAS

PASSADAS LARGAS

O calçamento da rua recolhe os passos nervosos. Júlio atravessa a pequena ponte de cimento e o leve deslizar das águas conduz seu pensamento às imagens de uma tortura obcecante.

"Decidi tudo nesta ponte - relembra com nitidez. Ainda imagino o vulto de Dora, debruçado nesta balaustrada, enquanto afagava seu rosto. Aqui resolvi tudo, era necessário tomar uma decisão, ou o castigo da complacência arruinaria minha própria vida. Dora percebia que minha mão, afagando seu corpo, transmitia um enorme desespero, um ciúme carregado de ressentimento. Não quis, no entanto, confessar-me tudo".

Júlio agora passa sob o pequeno arco da ponte e, novamente, pisa os paralelepípedos da ruazinha.

O início de tudo. Acredita firmemente que a consumação de "uma parte" do plano não solucionará seu destino. Alguma coisa misteriosa ainda ficará por fazer, algum liame ligado ~~que ligue~~ sua alma a outras almas permanecerá intocada ~~jamais se cortará~~. Júlio acredita nisto, e caminha para o outro fim, a outra solução desta noite intensa.

Precisa descansar, seus membros se endurecem, pode não chegar a tempo. É necessário que chegue a tempo.

Apressa o passo, seus pensamentos parecem acompanhá-lo, retornam ao lar convulsionado pela luta. Dora deve estar banhada em sangue, estirada na cama, em agonia.

Inexplicavelmente ~~se~~ vai ficando calmo ~~acalmando~~, à medida que os ~~seus~~ passos o levam para longe daquele cômodo perdido na semi-obscuridade, para longe daquele corpo ferido. Aproxima-se do outro homem, culpado de tudo, e isto enrijece sua determinação.

"Dora, com certeza, já morreu... Ou, talvez, esteja ~~ainda~~ agonizando... Deve estar sofrendo só, naquele quarto, o sangue se exaurindo, a vida escoando, pouco a pouco... Talvez alguém tenha ouvido seus gritos, veio prestar socorro... Mas isto é impossível, a casa fica afastada da rua, em centro de terreno... Que morra, ora, que morra! O primeiro gesto foi feito, agora é acabar com tudo, não deixar mais nada por fazer!

Depois é fugir, esquecer, abandonar esta cidade mesquinha!"

Caminha mais depressa, preso à sua própria angústia.

O interior do quarto não está totalmente escuro. A claridade, que vem ~~chegando~~ da lâmpada, de um poste, num canto da rua, ~~vem~~ morre nas paredes, cobrindo móveis deslocados do lugar. Cadeiras tombadas, um vaso caído, o pequeno tapete amarfanhado, são marcas da luta de vida e morte. No leito, um corpo. Um raio ~~desvão~~ de luz clareia a metade da cama, alcançando o joelho de Dora. O restante do corpo ~~se~~ confunde-se com a colcha amarrotada, com o cobertor amontoado num canto. Em vários pontos poças de sangue tingem ~~cobrem~~ de vermelho a luz fraca que penetra pela janela e pela porta entreaberta.

Dora acredita que se puder chegar à porta, jogar-se na escada, esperar que alguém passe na rua, talvez se salve. Mas a dor é terrível, sua carne ainda lateja com os golpes, com a força da lâmina entrando. Uma dor insuportável. Quando chega, como uma tenaz comprimindo seu corpo, pulsando, o rosto se crispa, num rito doloroso.

Depois a dor vai sumindo, lentamente. Dora procura, então, compreender as coisas terríveis que aconteceram. Mas não consegue fixar-se, os pensamentos sufocados no ~~num~~ nevoeiro, sob o qual ela própria se envolve.

Deve estar morrendo. Sente um torpor, uma grande sonolência. Mas ainda ouve, uma vez mais, o velho relógio monologar sua inútil precisão. Sabe que ~~ainda~~ faltam algumas horas para amanhecer. Inexplicavelmente, como agora, parece readquirir uma lucidez extraordinária, compreendendo tudo o que se passa em sua volta.

Tenta levantar-se, chamar por socorro, ~~mexer-se~~ arrastar-se por alguns metros, alcançar o comutador da lâmpada. Mas as pontadas, ~~contudo~~, voltam a dilacerar sua garganta alagada de sofrimento. Sabe que vai permanecer assim, estirada na cama, esperando a morte, sentindo as dores que chegam em intervalos cada vez mais curtos, cada vez mais fortes, como as dores de parto. ~~Mas~~ Não consegue pesar a verdadeira gravidade de seu estado. Sabe, somente, que está ferida: duas ou três punhaladas, e a morte que vem vindo ~~se aproxima. Sente~~ o sangue escoando, uma angústia enorme explodindo em seu peito, uma ânsia de viver, de sobreviver, reacendendo as forças que se esvaem, pouco a pouco ~~inexoravelmente~~.

Depois, trazendo alívio, uma ~~paciência~~ tranqüilidade inesperada esvazia seu espírito do desespero. Recorda-se, vagamente, ~~da~~ de uma espécie de frio gelado ~~a entrar-lhe~~ entrando pelas entranhas, endurecendo seus músculos. Depois o escuro, a perda da consciência, o desmaio. Acordando, mais tarde, não vira mais o marido. Ao frio sucedera um grande calor queimando o corpo, da cabeça aos pés. Depois ~~vieram~~ as dores, enlouquecendo suas lembranças confusas. Debatera-se em delírio, as feridas latejando, subindo até a boca com arrepios e náuseas. A cabeça no fundo das águas, turbilhonando.

Quando abre os olhos, vagarosamente, tudo recomeça. Pouco a pouco, começa a ~~delimitar~~ avaliar a situação: a porta entreaberta, a pequena claridade que vem do poste, a cadeira tombada, a lâmpada partida, os pedaços pendendo do fio, roupas esparramadas, tudo afetado pela luta, como marcas da tragédia.

Depois ressurge a dor, a lancinante dor que estrangula sua respiração, queima seus poros, abre de espanto seus olhos, sobre os quais o mundo parece tombar.

Dora avista Júlio chegando do espaço, a faca vibrando, a luz flutuando no quarto, descendo, subindo, a cadeira que se põe de joelhos, como se rezasse terço com Madre Rosário, no colégio interno, puxando as preces, as vozes compondo a ladainha, ressoando na capela.

Depois tudo desaparece, surge o rosto de Roberto, descendo pelo fio da luz. Sim, é Roberto, que se aproxima, ~~dela~~, recosta-se em seu rosto e sussura: "Amanhã, Dora, você será minha, para sempre". ~~Os~~ Seus lábios ~~dela~~ se abrem num sorriso de sangue; ergue o rosto, oferece a boca, mas ~~o~~ não há beijo. ~~não vem.~~ Em seu lugar, a dor volta a pulsar, abrasadamente. "Meu Deus, de novo?!... Madre Rosário, me salve, Madre Rosário!"

De novo a fuga para fora de si. Talvez o fim esteja chegando, trazendo ~~uma~~ a morte e o alívio. Fecha suavemente os olhos, espera. Mas nada acontece; ~~e ficam pensando:~~ "Engraçado, como tarda a chegar..."

Fica esperando, esperando. A dor parece desistir, vai deixando seu corpo, trazendo uma doce paz, um sono entorpecido. "Graças a Deus... Graças a Deus!..."

Agora está calma, apaziguada, recordando. Revê Ro-

berto cruzando o caminho, ~~como~~ uma direção essencial. E Júlio, que se ~~vai~~ distancia~~ndo~~, como eco do passado, que tenta esquecer. Recorda-se de Roberto, dizendo, dias atrás: "Não pode mais viver ao lado dele... É uma coisa que já morreu, para sempre..."

Fica imaginando como Júlio descobrira tudo, percebera ~~qualquer~~ algum indício, uma transformação no olhar, uma alegria que a transfigurava por dentro. Ele talvez tivesse razão, era culpada, entregara-se ao outro, como uma fugitiva. O padre sentenciara, anos atrás, dono de seu destino: "Serão um do outro, até que a morte os separe". Júlio cumprira a sentença: matava-a, antes que se separassem.

Naquela noite, recostados na balaustrada da ponte, irritara-se com suas carícias, afastara-o de si. E agora vai morrer, Roberto vai morrer por culpa de amar, de reclamar direito à felicidade, que Júlio negara, com sangue.

"Deve estar chegando à casa de Roberto, talvez já o tenha matado, e nada ~~pude~~ posso fazer para salvá-lo..."

Os passos de Júlio são lentos, curtos, ferindo o calçamento. Estranho que tudo tivesse sido tão simples: bater na porta, esperar. O vulto de Roberto, cheio de sono, a surpresa, a exclamação idiota: "Você?! Mas, o que houve, o que tem você?'...." A luta, a faca vibrando, rompendo as vísceras, o corpo tombando, entre gemidos.

Atirou a faca no matagal, ~~afastara-se~~ afastou-se do lugar e agora pensa na fuga. Ainda tem tempo de apanhar o trem das cinco ~~horas~~. São três horas, não precisa correr. Traz algum dinheiro, vai partir para longe, para uma cidade distante, onde vai trabalhar, reconstruir sua vida, reconquistar a paz perdida, entre sangue e traição.

"Mas, por que não me apresso, ~~meus passos~~, agora que tudo foi feito? Estou intacto, forte, os músculos rijos, por que esta aflição, este caminho de volta? Engraçado, estou voltando pelo caminho, é só virar a esquina, esperar o trem, e partir! Matei os dois, ~~lavei minha honra~~, agora é tocar para a frente! Que vão para o inferno, que merecem, agora é seguir pela viela, que é ~~mais~~ escura, e onde fico protegido. Agora ~~vou~~ posso descansar um pouco, estou exausto..."

"Acho que vou conseguir!... Vou conseguir, meu Deus!..." Dora junta as forças, ergue o corpo, procura colocar as pernas fora da cama. Mas tomba, ~~incapaz de~~ sem poder suster o corpo. Uma dor lanci-

nante queima por dentro. "Não consigo, não tem jeito, estou perdida, vou morrer!..."

"Pode ter ficado alguma mancha de sangue"- pensa Júlio, sentado num canto do muro. E, de fato, encontra uma ~~marcal~~ marca na dobra do paletó. "É melhor limpar, ~~a mancha~~, pode chamar a atenção. Vou cobrir com ~~barro~~ lama. ~~da poça de água~~. Choveu esta tarde, uma pancada forte, cheia de trovões."

Júlio molha o lenço ~~na~~ numa poça, de água, esfrega no tecido, disfarça a mancha, ~~de sangue~~.

Manchas de sangue ~~cobrem~~ marcam a camisola de Dora, o lençol, a fronha, o cobertor, e até o assoalho. Naquela manhã, quando tentava fugir de "seu" Mesquita, dono do quintal onde fora roubar ~~as grandes~~ mangas ~~maduras~~, ferira-se na cerca de arame, vira o sangue escorrer, ~~do pescoço~~, pingar no chão. Outras lembranças ~~vem~~ surgem do fundo do tempo, abrindo frestas na memória, deixando entrar restos de vida. ~~agora~~ Revê as brancas ~~cobertas~~ lençóis da cama ~~de casal~~, no hotel da montanha, ~~as sobre as quais vira escorrer seu~~ marcas de seu próprio sangue, na noite de núpcias. Ou o cachorro morto, ~~na estrada~~, estirado na poça de sangue, à beira da estrada.

O vulto de Dora, ~~banhado em sangue~~, os olhos dilatados pelo terror, agora ressurge com força na memória de Júlio. Revê seu corpo jovem, delineado sob o tecido leve. "Diabo, ~~eu~~ gostava muito de Dora, queria seu corpo, ~~que eu mesmo~~ que agora feri!" São pensamentos ~~banhados~~ impregnados de aflição, fazendo-o hesitar: "Talvez não ~~fosse preciso~~ precisasse matar..."

Instintivamente, levanta-se do lugar onde repousara, começa a caminhar, de volta à casa.

Ainda perpassam na memória de Dora restos da vida que escoa: a fazenda, o cavalo ~~baio~~ galopando no pasto, o banho no riacho, o cheiro de terra molhada, o curral, o capim umidecido... Ela se enternece, revivendo lembranças queridas, como pausa poética.

Em Júlio, no entanto, ressurgem pensamentos de angústia e de remorso. "Que diabo! Era só matar Roberto, levar Dora para longe, recomeçar a vida, sem ninguém para atrapalhar..."

Seus músculos estão tensos, guarda rancor contra si mesmo, um enorme arrependimento ~~enorme~~ atormenta seu espírito, comprime

sua cabeça, que lateja.

"E se ainda não morreu?!... Se ainda estiver viva, só ferida, e se ~~ainda~~ puder ser socorrida?!"

Apressa os passos, que acordam a cidade ~~do túmulo~~, espantam ~~espantando~~ os grilos, ressoam nos muros de pedra. ~~que silenciam~~.

Em Dora, contudo, ressoam ~~o que ressoa são~~ passos leves e irreais, ~~leves~~, como se temessem acordar os que dormem. Pisa, com leveza, os velhos corredores do colégio, aproximam-se da cela de Madre Rosário: "Madre Rosário, me socorra, pelo amor de Deus!..." E só escuta, como resposta, uma voz distante, quase inaudível: "Reze, minha filha, reze muito, e peça perdão pelos pecados..."

Júlio agora passa diante do ~~grande~~ casarão do colégio das freiras. Os passos largos espantam o silêncio compungido. Ali conhecera Dora, vestida no uniforme ~~de~~ azul marinho, a blusa branca, os cabelos soltos, ~~no pescoço.~~ Acompanhara-a de longe, intimidado, e assim fizera várias vezes.

Sobre o rosto lívido de Dora agora só se percebe uma grande doçura, uma espera compassiva, cheia de pureza. Seu vulto contrasta fortemente com o sangue que coagula nos lençóis, no vestido, no assoalho. Restos de lembranças ainda esvoaçam em sua memória: o canafinho com a asa partida, o papagaio rasgado, o irmão caçula chorando, ~~sem~~ parar, a mãe morta, no caixão humilde, o rosto sofrido do pai, apertando sua mão.

"Preciso chegar a tempo! Ainda posso salvar Dora! ~~ainda posso!~~" Júlio, para si mesmo, repete as palavras de derradeira esperança. E ~~agora~~ corre pelas ruas, ~~como~~ alucinado. "Não vai morrer, vou salvá-la, vou chegar a tempo!"

O suor encharca ~~encharca~~ seu corpo, um enorme fadiga ~~grande cansaço~~ aniquila suas forças. Mas ainda avança no caminho desesperado, rompendo ~~em~~ metros e centímetros de angústia. Ainda pode chegar a tempo e, para isto, irrompe ~~se arroja~~ em saltos de (louca) ~~alucinada~~ esperança.

Dora, metro ~~mais~~ adiante, entrega as últimas forças. Suas ~~as~~ lembranças se extinguem, como uma névoa que fecha para sempre seus olhos exaustos.

AS PÁLPEBRAS

A primeira vez que vi aquele homem foi quando minha mãe me levou à casa de tia Lúcia. Lá, depois do café com biscoitos de polvilho, entrou na sala um homem alto, muito magro. Achei estranho que fosse sentar-se numa cadeira a três passos da mesa-redonda, minha tia e eu. Sem ao menos cumprimentar-nos de cabeça, minha tia, contrita, levantou-se, percebendo nossa surpresa, dirigiu-se ao homem, em voz baixa. Imediatamente os dois viraram ao nosso encontro.

- É Mariana, Gustavo, mulher do José Carlos. Este menino é o Alberto, o Bertinho, como é mais conhecido.

Tive a honra de receber também um aperto de mão. Depois nós quatro voltamos e nos sentar e a conversa prosseguiu bastantemente entre as duas mulheres.

O homem alto se aproximara mais de nós, mas permanecia em silêncio, a cabeça inclinada sobre o peito, como se dormisse. Lembro-me que, num certo momento, levei um grande susto que me extremeceu. O homem levantou a cabeça violentamente e me olhou com grande insistência. Tinha dois olhos enormes que pareciam desaparecer sob grossas pálpebras. Estas eram horríveis: escuras, oleosas, com manchas como arranhões. O pior, no entanto, era aquela cinosidade que parecia untar os olhos de graxa preta. O homem tinha mais feio quando as pálpebras desciam, fechando os olhos momentaneamente, numa grande semelhança com um cavalo.

O sujeito continuou, por longos minutos, a me fitar com insistência, confundindo-me cada vez mais. Eu não sabia onde pôr os olhos. Achei possuído por grande irritação, que transportava em veruscaira cerzeiro. Cheguei a puxar a manga da roupa de mamãe, chamando-a para ir embora. Ela, contrita, tranquilizou-me com um sorriso "daqui a pouco", entretida na conversa interminável.

AS PÁLPEBRAS

Não sei quantos anos tinha Alberto na ocasião, devido ao que a aparência mitos enganosa. Devendo particularmente as pálpebras, pareciam demasiadas, cobrindo o bonito olhos escuros. Tinha o menino uma grande cicatriz no peito, como uma queimadura do lado esquerdo.

AS PÁLPEBRAS

A primeira vez que vi aquele homem foi quando mamãe me levou à casa de tia Lúcia. Lá, depois do café com biscoitos de polvilho, entrou na sala um homem alto, muito magro. Achei estranho que fosse sentar-se numa cadeira a três passos de nós, mamãe, minha tia e eu, sem ao menos cumprimentar-nos de cabeça. Minha tia, contudo, levantou-se, percebendo nossa surpresa, dirigiu-se ao homem, em voz baixa. Imediatamente os dois vieram ao nosso encontro.

- É Mariana, Gustavo, mulher do José Carlos. Este menino é o Alberto, o Bertinho, como é mais conhecido.

Tive a honra de receber também um aperto de mão. Depois nós quatro voltamos a nos sentar e a conversa prosseguiu animadamente entre as duas mulheres.

O homem alto se aproximara mais de nós, mas permanecia em silêncio, a cabeça inclinada sobre o peito, como se dormisse. Lembro-me que, num certo momento, levei um grande susto que me estremeceu. O homem levantou a cabeça violentamente e me olhou com grande insistência. Tinha dois olhos enormes que pareciam desaparecer sob grossas pálpebras. Estas eram horríveis: escuras, oleosas, com manchas como arranhões. O pior, no entanto, era aquela oleosidade que parecia untar os olhos de graxa preta. O homem ficava mais feio quando as pálpebras desciam, fechando os olhos momentaneamente, numa grande semelhança com um cavalo.

O sujeito continuou, por longos minutos, a me fitar com insistência, confundindo-me cada vez mais. Eu não sabia onde pousar os olhos. Acabei possuído por grande irritação, que transbordava em verdadeiro desespero. Comecei a puxar a manga da roupa de mamãe, chamando-a para ir embora. Ela, contudo, respondia-me com um apressado "daqui a pouco", entretida na conversa interminável.

Meu suplício durou uns trinta minutos mais, durante os quais aqueles olhos estranhos, batendo repetidamente as pálpebras, pareciam devorar-me, enquanto o homem conservava os braços finos e compridos cruzados no peito, numa postura de doente mental.

Depois que partimos, e já em casa, não tive coragem

de contar à minha mãe a aflição que senti diante daquele homem repulsivo.

A noite que se seguiu foi extremamente atribulada para mim. Tive pesadelos esquisitos. Recordo-me que vi, durante o sono, a cara sinistra daquele homem, com corpo de cavalo, saltando sobre ~~meu corpo~~ mim, enquanto eu me debatia, fugindo de suas patas. Mas ele voltava, erguendo-se e caindo sobre ~~mim~~ meu corpo, depois galopando com o rosto humano voltado para trás, batendo repetidas vezes as grandes pálpebras, de onde escorria um filete meloso, negro. Acordei de madrugada, exausto. Sentei-me na cama, e assim permaneci até ouvir os ruídos da madrugada.

Os dias que se sucederam foram ~~abrandando~~ diluindo a recordação daquele homem que era quase meu tio. Meses depois, ~~meu pai~~ papai foi transferido para outra comarca, onde vivi sete anos, e fui ~~em seguida~~, estudar na capital, a lembrança daquela figura estranha praticamente desapareceu de minha memória.

Certa tarde, inesperadamente, o destino forjou novo encontro com o homem das pálpebras ~~cavalares~~ de cavalo. Estava mais magro ainda, mais curvo e triste. O encontro se deu num cinema, antes de começar a sessão. Creio que ele me reconheceu ~~depressa~~ quando, sentado em sua cadeira, duas fileiras adiante, me olhou com seus olhos assustadores. Fitou-me insistentemente, sorrindo. Senti um temor diferente do antigo, uma espécie de sensação de aniquilamento orgânico, de recolhimento emocional, quase físico. Fui obrigado, no entanto, a retribuir o sorriso, tão raro ~~naquela estranha figura~~ nele. Arrependi-me, ~~contudo~~ depressa, do gesto de amabilidade, logo que o vi levantar-se e caminhar na minha direção. Segui seus movimentos: pediu licença aos meus vizinhos, que lhe deram passagem, aborrecidos, e veio sentar-se na cadeira vaga, à minha direita.

- Ah, então você é mesmo o Bertinho, não é? - falou em voz baixa, estendendo-me a mão enorme.

Respondi somente um "sim, sou eu, o Roberto, dando ênfase ao "Roberto", para fazê-lo compreender que o diminutivo me irritava.

- Você cresceu muito, Roberto - acrescentou, em tom quase irônico. Está grande, com ~~pose~~ jeito de homem...

Aquele ~~"pose~~ "jeito de homem" agravou minha má-vontade, dificilmente disfarçada. Não me julgava, de modo algum, um menino. E ele continuou a aborrecer-me, alogiando meu ~~jeito~~ porte, chamando-me de inteligente,

bom aluno, bem comportado, num evidente, e inútil, esforço por ~~agradar-me~~ ser gentil e paternal. Procurei fitá-lo o menos possível, respondendo-~~lhe~~ quase que por monosílabos. Iniciada a sessão, meu desagrado atingiu ao ponto máximo quando senti, sobre a face direita, o bafo desagradável do tio torto. De esguelha, percebi que se esforçava por diminuir o mais possível a respiração ofegante. Foi quando ~~percebi~~ notei que tirou rapidamente do bolso um lenço e tapou a boca, num gesto nervoso, sustendo um forte acesso de tosse, sacudido por um tremor convulsivo. Tive, então, a certeza de que era tuberculoso. Minha aflição transformou-se numa verdadeira angústia.

Sou reconhecidamente um misófobo, um doente de contatos e, naquela cadeira de cinema, recordei-me de meu pai, falando na sala de visitas ao grupo de amigos: "Meu filho Bertinho é um misófobo", e apreciando o efeito do vocábulo raro sobre os ouvintes.

As imagens de meu pai, falando aos amigos, revividas em minha memória, confundiram-se com as imagens na tela e, em meio a tudo, com a figura constrangedora de tio Gustavo a meu lado, ~~crescendo~~ fazendo ~~excitando~~ minha emoção, ampliando minha ~~nervosa~~ impaciência. Comecei a ~~ficar tonto~~ sentir uma espécie de vertigem, como se me premissem a cabeça. De vez em quando a tosse do homem, abafando os ruídos do filme, tocava meus ouvidos, fazendo-me virar a boca para o lado oposto, procurando aspirar ar mais puro, inutilmente. O bafo de tio Gustavo chegava às minhas narinas, obrigando-me a prender a respiração. Comecei a transpirar e um grande mal-estar tomou conta de mim. Estava na iminência de partir quando, felizmente, a solução partiu dele próprio. Vi-o inclinar-se para mim, e dizer:

- Roberto, preciso sair. Espero você lá fora.

Levantou-se e vi seu vulto desaparecer na escuridão da sala. Respirei com alívio, profundamente. Mas a tosse ainda vibrava em meus ouvidos, no espaço infestado.

Terminada a sessão, o desprazer de reencontrar aquele homem ~~ocupou~~ afligiu novamente meu espírito. Era impossível uma fuga, pois só havia uma saída, ~~era uma só~~, desemboncando na rua ao lado, pela porta larga. E sai. Lá estava ele, olhando ansiosamente para as pessoas que deixavam a sala, ofuscadas pela luz ~~intensa de fora~~ do exterior. Ele me viu e veio, rapidamente, ao meu encontro.

Naquela noite o homem me atormentou até tarde,

fazendo questão de conduzir-me à minha casa em seu automóvel. Quando me despedi, notei a pressão que fez em minha mão. Ele ofegava, o rosto pálido, as pálpebras grossas piscando repetidamente. Desembaracei-me de sua mão, entrei quase correndo. De meu quarto ainda o vi, parado na calçada, um vulto de sombra.

Custei a dormir. Depois daquela tarde horrível estava exausto, enervado, odiando profundamente o desagradável encontro no cinema. Ao mesmo tempo sentia pelo homem uma enorme piedade, pressentindo que não ia viver muito, o que o levava, talvez por isso mesmo, a apegar-se tanto às pessoas mais jovens.

O pior de tudo eram ~~mesmo~~ aquelas grandes pálpebras, descendo repetidamente sobre os olhos, abrindo e fechando aquele olhar estupidificado e perplexo. Comecei também a piscar no escuro do quarto, o suor alagando minha fronte, a coberta pesando sobre o corpo, sufocando-me. Arremessei tudo para longe, tentando apagar da memória aquelas lembranças incômodas. Mas as pálpebras de tio Gustavo continuaram ainda, por muito tempo, a piscar em meu sonho, brilhando numa espécie de abismo que me atraía. Consegui dormir só muito tarde. No sono elas ainda continuaram a torturar-me, ora avançando contra meus olhos, ora se afastando vagarosamente. Voltei a sentir o bafo insalubre, soprando quente em meu rosto. E meu pai gritava, no meio da noite, como um deslumbrado:

- "Meu filho é um misófobo! Bertinho é um misófobo!" "Uma misófobo!"

No dia seguinte, quando mamãe me avisou que a irmã de tio Gustava telefonara, dizendo que ele passava mal, não tive coragem de contar o episódio da véspera. Meus pais se prepararam para visitá-lo, insistindo para que eu os acompanhasse. Não pude recusar e fui com os dois.

Quando chegámos, saía o médico, com expressão grave, desalentada. Compreendemos que a doença era fatal, que tio Gustavo não sobreviveria.

Na sala de visitas, próxima ao quarto, algumas pessoas choravam. Fizeram-nos depois entrar no quarto do moribundo. Ele estava estirado na cama, os olhos fechados, as grandes pálpebras pousadas como

asas de um pássaro sombrio.

Caminhei de mansinho, temendo acordá-lo. Quando estava a poucos passos da cama, vi abrirem-se de repente aquelas grandes pálpebras, causando-me um susto ~~inesperado~~ e espanto. Os olhos vagaram pelo quarto, como se procurassem alguma coisa. Até que me descobriram e, como num alegre sobressalto, abriram-se mais, começando a piscar, abrindo e fechando como leque. E ~~ele~~ sorriu, tentando balbuciar meu nome. Depois pendeu a cabeça para o lado onde eu me encontrava, deu um grande suspiro, ~~quase~~ como uma tosse derradeira, e morreu.

Entreabertas, deixando ver parte dos olhos, as pálpebras ~~estranhas e~~ cavalares se imobilizaram para sempre. Tia Lúcia começou a chorar, convulsivamente. O padre, que dizia orações decoradas e maquinais, aproximou-se da cama e jogou água benta. ~~e aproximou-se da cama.~~ Estendeu a mão e fechou completamente os olhos do morto. Ficou ainda mais morto.

Passei as mãos em meu rosto, alagado de suor, toquei meus olhos atormentados. Minhas pálpebras pareciam intermináveis e estavam ~~[illegible]~~ duras ~~[illegible]~~ como pedra.

MINHA TRISTE HISTÓRIA DE [redacted] NEGRO

MINHA TRISTE HISTÓRIA DE NEGRO

Eu seria insincero se não escrevesse "infelizmente nasci preto". Devo dizer, no entanto, que não desejava assinar esta confissão, porque julgo covardia envergonhar-se alguém de sua condição ~~recebida no berço~~ racial. Creio ~~mesmo~~ que seria ~~até~~ ofensa a Deus alguém sentir-se vergonha da condição física, familiar ou social. ~~Tudo o que vem à terra é produto da vontade divina, de sua escolha e arbítrio.~~

Quase, portanto, deixei de escrever o "infelizmente nasci preto", a que acrescento, com naturalidade, a informação de que, além da cor da epiderme, também nasci pobre e revoltado.

Não nego, verdadeiramente, que sinto um grande complexo de inferioridade na escala social. Sou, felizmente, um homem forte, com instrução acima da média para gente de minha espécie.

Gosto de escrever, coisa que sempre me agradou fazer, desde os primeiros estudos, hábito que me entretém durante horas e que foi muito apreciado pela bondosa professora branca do curso primário.

O incentivo de dona Hercília prestigiou-me, de certa forma, entre os colegas, cuja maioria era constituída de medíocres meninos de cor branca e, principalmente, junto aos habitantes de meu bairro, humilde.

Por falar em bairro pobre, narro aqui alguns episódios de minha infância de negro, filho de negros, jogador de futebol de rua, campeão de bola de gude e perseguidor implacável de pretinhas bonitas.

Minha mãe era negra, retinta, mas meu pai era "mais ou menos branco", o que equivale dizer, era "mulato escuro". Mamãe sempre acrescentava, com certo orgulho, que papai "era um homem bonito, trabalhador e estimado".

Meu pai morreu cedo, de uma queda do edifício ~~de apartamentos que construía~~ onde trabalhava, como pedreiro. Eu deveria ter, por ai, uns 4 ou 5 anos de idade.

As nostálgicas recordações de minha mãe ~~comunicavam-me~~ tinham sempre um sentimento de orgulho. ~~Gostava de~~ E eu sempre ia repetir suas informações

aos outros negrinhos barrigudos que me ouviam com admiração.

Não eramos totalmente pobres para nossa condição social. Papai deixara uma pensão, pequena, na verdade, mas suficiente para o arroz-com-feijão de todo dia. Mamãe completava o mirrado orçamento doméstico lavando e passando roupa para uma clientela da pequena burguesia, próxima de nosso bairro proletário. Nossa vida, de mamãe e dos três filhos, decorria entre sol e chuva, compreendendo que para gente como nós as pequenas coisas são suficientes para a sobrevivência, ao contrário do que ocorre com as pessoas das classes mais altas, sempre insatisfeitas com o que têm e se individando para obter o que não têm.

Nossa casa ficava num beco que dava para uma rua larga, suja, sem calçamento e grande movimento de gente e automóveis. Eu passava grande parte de meu tempo naquele logradouro, o que trazia mamãe em constante sobressalto, temendo desastres, más companhias e outras desgraças.

Relutei se deveria escrever estas coisas sem importância. Sempre acreditei que preto não deve escrever literatura, principalmente a confessional, pois nada tem a dizer. Depois, contudo, que li obras escritas por negros e mulatos, como Machado de Assis, Lima Barreto e José do Patrocínio, comecei a reagir, achando que também eu seria capaz de contar coisas interessantes.

Sei que os brancos, em grande maioria, serão os leitores destes garranchos. Preto raramente sabe ler e, se soubesse, não iria interessar-se pelas confidências de um irmão em infortúnio.

Feito o florilégio, continuemos a narrar que a tal rua larga e suja, a que acima me referi, ficava longe do centro da cidade, e tinha grande movimento de comércio. Nela foi instalado, anos atrás, um cinema de ínfima categoria, especializado em "bang-bang" e filme de terror, com cópias caindo aos pedaços, o que interrompia a sessão várias vezes por noite. Isto era ótimo para nós, rapazinhos, pois dava a chance de novas paqueras nas negrinhas serelepes que, de propósito, levantavam as saias e exibiam coxas musculosas que a gente tinha gana de morder.

Minto se disser que aquelas redondezas infestadas de malandros eram frequentadas só por negros. Havia por lá também diversas famílias de brancos que, segundo mamãe, lá foram morar para explo-

rar os pretos, roubando escandalosamente no preço das mercadorias de má qualidade e nas consultas médicas e dentárias.

Lembro-me perfeitamente ~~bem~~ de um tipo repulsivo de comerciante, baixo, atarracado como sapo, com a barriga que transbordava das grandes calças, ~~mal sustentadas pelo cinto~~, a cara fechada e estúpida, espelhando um caráter mal-intencionado. Chamava-se Fernandão, um português de Trás-os-Montes, dono da casa "A Maravilha", que nada tinha de ~~maravilhoso~~ maravilha, pois era uma pocilga escura e fedorenta, vendendo desde arroz e feijão bichado, até bugigangas de armarinho, tecidos vagabundos e perfumes baratos. Mamãe votava-lhe uma proverbial antipatia, pois o galego vivia dando em cima dela, pronto para "mitigar-lhe a viuvez", "montar-lhe casa decente", "dar-lhe conforto e carinho", como sempre prometia, abrasado de desejo. O que o lusitano desejava, nós bem sabiamos, era deitar o corpo ainda jovem e bonito de mamãe numa cama e aliviar nele o forte impulso erótico da raça. O homem, para isso, não desanimava: mandava presentes, que mamãe devolvia com raiva; diminuía de propósito a soma das compras, que ela corrigia; rondava nossa casa, no beco, esperando encontrá-la desprevenida.

Também me recordo que, certo dia de verão, quente e claro, matando-nos de indolência, colocámos estrategicamente, meu irmão Juquinha e eu, além de dois ou três pretinhos, uma casca de banana no degrau da escadinha em frente à venda do português. E fomos nos esconder por perto, esperando. Fernandão, algum tempo depois, abanando-se, resmungando, com a enorme carcaça banhada em suor, maldizendo a vida e a mulher (uma terrível portuguesa de maus bofes), começou a descer, o chicote na mão, pisou na casca e rodopiou no ar, indo cair estrepitosamente na rua. Escondidos atrás de umas pipas de querosene, mal pudemos reprimir a gargalhada, vendo o lusitano estrondar-se no chão, esforçando-se para levantar, soltando enormes grunhidos, como suíno, chicoteando o ar, afastando caixeiros e passantes. Nunca mais presenciei cena tão ~~engraçada~~ cômica e siciliana. Senti-me vingado, e fui correndo contar a proeza a mamãe, que ~~ficou soltando~~ soltou gostosas gargalhadas o resto do dia.

Fernandão passou dois ou três dias de cama, urdindo vingança, maldizendo a mulher, pela falta de limpeza, e apostrofando os "malditos africanos", pela fome de bananas.

Mas chega de Fernandão, coitado, falecido numa

cadeira de balanço, maldizendo a mulher, o tempo, o calor, a vida e os "crioulos que a desgraçada da Princesa Isabel tivera o mau-gosto de libertar".

Também me lembro de um sujeito antipático, de nariz grande e boca de enormes beiçolas, sempre molhadas de saliva. Chamava-se "Doutor Simplício", era dentista, ou "odontólogo", como preferia que o chamassem, para dar respeito.

Não digo o sobrenome do homem porque receio que ainda esteja vivo, e possa tomar conhecimento destas linhas desarrumadas que vou escrevendo. Doutor Simplício fazia-nos sofrer em seu pelourinho dentário. Era agressivo com os negros, maneiroso e cheio de cuidados com os brancos e a clientela endinheirada. Graças a Deus (e escrevo assim com todo o peso de minha gratidão para com o Pai do Céu), graças a Deus, repito, tinhamos ótimos dentes, o que nos salvava do suplício da cadeira do odontólogo do homem da boca salivosa.

A rua larga, centro de nossa vagabundagem, chamava-se "Rua da Graça", no bairro da "Ponta", lugar de pobres e desesperadas mulheres da vida. Estas, pobres coitadas, com sua feiura e tristeza, eram, à noite, donas do lugar, caçando clientes desprevenidos, distribuindo sífilis aos menos prudentes. Eu também, confesso, fui às putas, protegido, no entanto, pelas famosas "camisinhas" de borracha, compradas, a preço de ouro, na Farmácia São Nicolau, que ficava ao lado do cinema. Uma das meretrizes, a Gina, lembro-me bem, considerou-me um "homem precoce", com membro bem desenvolvido, que a excitou e me encheu de orgulho.

Recorda-me a memória que, à medida que eu crescia, ia tendo grande vergonha de dizer onde morava. No colégio, principalmente, situado em zona distinta, o "onde você mora?" era pergunta angustiante que me deixava sempre confuso.

Aos quinze anos, inaugurado em mulheres e em boemia, subi de escala sexual: em vez das putas melancólicas, passei a frequentar as empregadinhas domésticas, mais alegres e divertidas, atraídas pela boa figura física que eu, devo confessar, já exibia, com os fortes músculos treinados no futebol e nas competições escolares.

Apesar da boemia, tão típica de gente de minha

espécie, eu já ia compreendendo melhor a vida, assumindo mais responsabilidades. Um professor do colégio conseguiu-me emprego numa firma de transporte. Apanhava mercadorias na estação da estrada de ferro, colocava nos caminhões e conduzia ao depósito, no bairro da Gameleira.

Estudava muito de noite, fazendo o possível por destacar-me na classe. A cor, no entanto, dificultava enormemente meus esforços. Os brancos, colegas de turma, eram cruéis e não podiam conceber a idéia de um preto com melhores notas e mais prestígio entre os professores.

Mais tarde, quando comecei a ler livros políticos, tomei conhecimento com esta palavra mágica e ~~embevecedora~~ tão fugaz: Democracia. Passei a respeitá-la, exigindo que os outros fizessem o mesmo. Dai nasceu um sentimento de revolta contra o ~~outro~~ vocábulo ~~que a degrada~~ degradante: racismo. Comecei a compreender, e até a justificar, os graves conflitos raciais dos Estados Unidos, e pensei até em criar no Brasil organizações idênticas ~~às dos negros norte-americanos~~ que uniam os negros daquele país.

Como eu era forte, premiado em competições esportivas, inclusive em lutas ~~boxe~~, pareciam respeitar-me, e até me admitiam em fechados círculos de amizade.

Foi quando cheguei, finalmente, ao capítulo trágico de minha vida: o amor. Esta palavra, importante e temerária, geralmente não encerra atributos de tragédia, como no meu caso. Eu os conheci, no entanto, quando cursava o primeiro ano da Universidade, na pessoa de uma colega de cor branca, a Maria Angélica, ~~moça~~ extremamente simpática, alegre e acessível.

Maria Angélica, moça de boa família, conquistou, desde os primeiros dias do curso, enorme legião de admiradores. Complexado, como sempre fui, aproximei-me dela com muitas cautelas. Mas aconteceu uma coisa extraordinária: a moça distinguiu-me com provas de indisfarçável simpatia e camaradagem. Deu-me até preferência como acompanhante, ou, como os norte-americanos denominam, como "scort", o ~~colega~~ rapaz que, terminadas as aulas, leva a ~~colega~~ moça de volta à casa. Eu tinha, naquele tempo, uma velha motocicleta que minha mãe, com as economias conseguidas no trabalho, me presenteou quando ~~completei~~ fiz 20 anos.

Inúmeras vezes conduzi Maria Angélica, na boléia da moto, até sua bonita casa no Jardim das Flores, elegante bairro da periferia. Isto enchia os ~~colegas~~ outros rapazes de surda inveja. Passaram a marginalizar-

me, de forma acintosa.

Tinhamos afinidades, Maria Angélica e eu: o prazer da vida esportiva, ~~pelo~~ do ar livre, dos campos verdejantes em volta da cidade, ~~os~~ livros policiais, ~~os~~ discos, ~~a~~ música de "jazz", ~~os filmes~~ e filmes "westerns". ~~dos Estados Unidos.~~

Nossa convivência, aos poucos, no conferiu-~~nos~~ uma intimidade que, ~~em tantos casos~~ tantas vezes, facilmente degenera. Em nosso caso, contudo, a camaradagem ~~nos impôs~~ gerou um grande respeito, profundo e sincero. Eramos amigos, grandes amigos, apesar da diferença de cor e ~~de~~ condição social. Maria Angélica, no entanto, sempre evitou que a família tomasse conhecimento de nossa amizade. Conhecia bem os pais e irmãos, sabia que nunca aprovariam uma amizade tão ~~disparate~~ escandalosa.

Devo, agora, confessar abertamente que ~~não~~ nem sempre fiquei ~~toda a vida~~ nos exclusivos limites da camaradagem. Ultrapassei-os, fui mais longe, infelizmente mais longe. Amei~~a~~, amei~~a~~ perdida e apaixonadamente, como nunca havia amado antes. De início tentei disfarçar o sentimento patético, e perigoso, capaz de desvirtuar nosso relacionamento.

Depois, aos poucos, fui envolvido por ele, entregando-me sem resistência, como uma fatalidade. Até que, certo dia, ~~a~~ revelei-o totalmente à colega, o coração pulsando, desatinado. Maria Angélica, estranhamente, nada disse, nada comentou, ~~nem~~ nada reagiu. Limitou-se a apertar minha mão, olhando-me bem fundo nos olhos e só exclamando, como num sussuro: "Adeus, meu amigo". E se foi, para sempre.

Nunca mais chegou perto de mim, conseguindo evitar que eu me aproximasse dela, cercando-se ~~sempre~~ de colegas, meus antagonistas.

Eu morria de desespero, ~~ansiando~~ querendo ouvir de novo sua voz, que possuía um timbre suave e insinuante.

Tempos depois ela deixou a escola e anunciou o noivado com o filho de um rico industrial, rapaz ~~protigiadíssimo~~ de grande prestígio na sociedade.

Passei a acompanhá-la de longe, ~~nos~~ aos lugares que frequentava: clubes, cinemas, salas de concertos, etc.

Comecei então a tramar, cuidadosamente, sua morte, como se cultivasse uma flor macabra de estufa, onde crescia meu desespero. Decidi que seria morta no coração e, para ~~executá-la,~~ executar o crime, comprei um punhal.

Esperei com paciência o momento certo para desferir o golpe, que deveria ser firme e certeiro.

Certa noite, que considerei propícia ao plano, penetrei furtivamente no clube onde ela dansava com o noivo, e esperei o momento em que os dois foram passear no jardim.

Aproximei-me deles, retirei o punhal, com o qual ameacei o rapaz, que fugiu covardemente. Cheguei mais perto de Maria Angélica, que não esboçou a menor resistência, limitando-se a olhar-me, com ansiedade.

Só lhe disse, tranquilamente, três palavras, como se respondesse à despedida de tempos atrás: "Adeus, minha amiga".

Golpeei seu peito, atingindo o coração e matando-a sem um gemido. Antes de tombar, tomei-a nos braços, depositei-a, com carinho, na relva do jardim. Quando me levantei, fui detido por dois guardas do clube e cercado pela multidão de frequentadores. Não esboceei a menor resistência.

Fui conduzido à prisão e lá jogado numa cela estreita, onde até agora me encontro, esperando julgamento.

Ao advogado só pedi papel e caneta e, como subsídio para a defesa que irá fazer, prometi o original de minha confissão, onde, como viram, acabei narrando minha humilde e melancólica história de homem preto, um homem pobre e profundamente infeliz no amor.

MARIANA, A CRIADA

"Saiam da pista! - pensou calvosamente a criada Mariana. Continua com suas manhas..."

Seguiu para o andar térreo, limpando, de passagem, alguns móveis empoeirados. Num deles foi desajeitada e atirou no chão um pesado vaso imitando chinês. Ficou paralisada no lugar, lançando um aflito olhar à escada giratória. No alto costumava surgir a patroa, dona Cotinha, "mãe da peste", outra "peste maior", como ela dizia para si mesma, resmungando pela casa. Ao aparecesse, ouvindo o ruído do vaso, lhe ajuntaria à fúria de suas palavras, até passar a crise. Mas dona Cotinha não perdia ouvir a queda do precioso objeto.

A criada reuniu os cacos, foi jogá-los no lixo. Passou pela cozinha e viu, de esguelha, o olhar irônico da "outra maldita peste", a preta Rosália, que era muda, mas tinha uma percepção fantástica. Mariana alcançou a lata do lixo, jogou nele, com fúria, os cacos, resmungando: "São todos uma peste! Peste a Coria, a maior de todas, peste dona Cotinha, peste a Rosália, peste o doutor... Não, o doutor não!"

Mariana suspirou, voltando a pensar: "É um absurdo, uma coisa idiota, gostar assim do doutor Joaquim. Por que não dizer: gostar tanto do "Joaquim"? Sem o doutor, nem sei o que seria de mim. Ele é chave de Joaquim, de "meu lenzinho", "meu amorzinho"... Que pena do mulher!"

Mariana retornou à sala, lamentando a vida, ainda é cedo e a Corina ainda não se levantou. Doutor Joaquim, no entanto, já estava no escritório estudando, vestido com o "robe-de-chambre" de linhas brasileiras e perfumado o perfume das boites à la carte da mulher.

Pensando nisto, Mariana teve um ódio impotente, uma sensação de ridículo em seu coração. Ouviu a voz do escritório: "Mariana, bata no piano! Pensei que estava de pé..."

Doutor Joaquim atendeu o fone, sem pressa, distraído:

- É você, Mariana...

- Não, doutor, é Lorena, mamãe...

MARIANA,

A CRIADA

MARIANA, A CRIADA

"Raios da peste! - pensou raivosamente a criada Mariana. Continua com suas manhas!..."

Seguiu para o andar térreo, limpando, de passagem, alguns móveis empoeirados. Num deles foi desajeitada e atirou no chão um ~~grande~~ vaso imitando chinês. Ficou paralizada no lugar, lançando um aflito olhar à escada giratória. No alto costumava surgir a patroa, dona Cotinha, "mãe da peste", outra "peste maior", como ela dizia para si mesma, resmungando pela casa. Se aparecesse, ouvindo o ruído do vaso, iria aguentar a fúria de suas palavras, até passar a crise. Mas dona Cotinha não ~~pareceu ouvir~~ ouviu a queda do precioso objeto.

A criada reuniu os cacos, foi jogá-los no lixo. Passou pela cozinha e viu, de esguelha, o olhar irônico da "outra maldita peste", a preta Rosália, que era muda, mas tinha uma percepção fantástica. Mariana alcançou a lata do lixo, jogou nele, com furor, os cacos, resmungando: "São todos umas pestes! Peste a Corina, a maior de todas, peste dona Cotinha, peste a Rosália, peste o doutor... Não, o doutor não!"

Mariana suspirou, voltando a pensar: "É um absurdo, uma coisa idiota, gostar assim do doutor Josué! Por que não dizer: gostar tanto do "Josué", sem o doutor, como diz a Corina? Ah, esta grande peste, ela o chama de Josué, de "meu benzinho", "meu amorzinho"... Capeta de mulher!"

Mariana retorna à sala, lamentando a vida. Ainda é cedo e a Corina ainda não se levantou. Doutor Josué, no entanto, já estava no escritório estudando, vestido com o "robe-de-chambre" de bolinhas brancas, guardando o perfume dos beijos e do corpo da mulher.

Pensando nisto, Mariana sente um ódio impotente, uma sensação de aniquilamento e solidão. Aproxima-se da porta do escritório, pára um pouco. Depois cria coragem e entra.

Doutor Josué continua a ler, mas fala, distraído:

- É você, Corina?...

- Não, doutor, é Mariana, a criada...

O médico comenta, enfastiado:

- Ah... É você...

"Ainda está com os olhos cheios de sono - vai pensando a criada. Vem dos braços da gata! Beijaram-se, ela falando com a vozinha de flauta desafinada: "Filhinho, meu filhinho de gostosura... Mais um beijo, anjinho..."

Recorda-se agora da outra noite, quando ouvira os dois por trás da porta, remoendo um ciúme ridículo. "Pestes, cadela, gata manhosa!..." - xinga Mariana, em sua revolta inútil. "Só pensam em trepar!"

Para eles, era somente "Mariana, a criada", como a gorda de dona Cotinha diz ~~sempre~~ às suas amigas insípidas. Criada, quase velha, enquanto Corina, a rainha da casa, com seus 25 anos, é o centro de tudo, de todas as atenções e cuidados.

Para o médico, contudo, vai todo o desvelo da empregada. Seu escritório, seus livros e aparelhos da clínica brilham e rebrilham, limpos como cálice de igreja.

Limpando a mesa, as cadeiras, as estantes e armários, Mariana, discretamente, vai examinando o objeto de sua adoração. "É um homem bonito, forte, os cabelos começando a branquear, ~~como~~ dando um toque de distinção e respeito. Cá estou, novamente, a adorá-lo, a boba! Ele é bem capaz de estar fingindo que lê, mas, no íntimo, sabe que está sendo adorado pela ~~beata~~ idiota!..."

Mariana vai à janela.

- Não limpe agora, Mariana, deixe para depois. A poeira me incomoda...

Transpondo a soleira da porta, Mariana é o volumoso ~~recipiente~~ receptáculo de ressentimento e rancor. Odeia a todos: dona Cotinha, doutor Josué, Corina, Rosália, "seu" Isidoro, todos os que vivem e frequentam esta casa de subúrbio.

Subindo novamente as escadas e passando os olhos pelo quarto que a porta entreaberta deixa ver, Mariana enxerga, no leito, a figura adormecida de Corina, o corpo coberto pelo "édredon" cor de ouro, os cabelos em desalinho, o rosto sem pintura, ~~mas, mesmo assim, muito belo.~~ Todo o rancor da criada se concentra naquela mulher que lhe toma o homem amado, "a maior peste de todos".

Fica parada, observando a patroa. Era como se visse o inferno, no qual se precipitam seus sentimentos recalcados e grotescos. Sabe muito bem que o médico adora com delírio esta mulher vaidosa e sensual. Para ela, a criada, só dedica palavras convencionais, "bom dia, Mariana, faz frio hoje, não é?", ou uma ordem irretrucável: "Mariana, leve esta carta ao Correio!" Ou então, como no outro dia: "Corina precisa de você no quarto. Suba depressa!"

Afasta-se bruscamente do local, vai de novo à cozinha. Tem a impressão de que Rosália conhece seu segredo. Em seus olhos argutos Mariana parece descobrir um traço de irônica superioridade.

Eis quando a voz de dona Cotinha espanta o silêncio, ameaçadora:

- Mariana, "cadê" o vaso de cima do capitel?!"

A gorda senhora ocupa todo o espaço da porta. Tem um olhar enérgico, fulminante. Mariana balbucia:

- Dona Cotinha, eu... Deixei cair, hoje cedo, sem querer..."

- É sempre assim! - vociferou a matrona. Ninguém tem culpa nesta casa, tudo é feito "sem querer!" É o terceiro objeto que você deixa cair, desleixada! Tenha mais cuidado, senão vai se dar mal!...

Depois se afasta, grunhindo pela casa. Mariana faz um muchocho, vai ao quintal buscar qualquer coisa. Depois volta à sala, onde dona Cotinha ainda se encontra, lendo o jornal.

- Mariana, vai acordar a Corina! - ordena a patroa, com voz ríspida.

Mariana sobe ao segundo andar.

Ao penetrar no quarto, sente o cheiro forte de "organdy", delicioso. Sabe, tem a certeza de que a "peste" entorna perfume pelo quarto para agradar ao marido. "É truque da peste!" - pensa raivosamente a criada, "uma artimanha do capeta!..."

- Dona Corina, dona Corina... Acorda...

"Veja só a danadinha, fingindo que ainda dorme... E como se refastela na cama, gata caprichosa..."

- Acorda, dona Corina, já é tarde...

Corina abre os olhos, responde, indolente:

- Chega, está bem, já acordei!...

E depois, antes que a criada se afaste, ~~indaga~~ pergunta:

- O Josué está no escritório?...

- ~~Lá~~ Está, responde Mariana, secamente.

Sai do quarto, desce as escadas. O leiteiro chega com duas garrafas. Mariana passa pelo escritório. Tem desejos de entrar, atirar-se aos pés daquele homem, apertar nos seios fartos aquelas pernas masculinas, beijar os chinelos, as mãos, os cabelos perfumados.

"É loucura! - pensa sofridamente a mulher. Uma doidice, esta paixão desatinada! Sou uma completa idiota! O melhor é deixar este inferno de casa, ir embora, ~~para~~ ficar longe desta gente!"

Sabe, contudo, que são palavras vazias, que nunca vai tomar ~~esta~~ uma decisão definitiva. Volta a trabalhar, o coração dando pulos no peito.

***

Tudo se passou rapidamente. Mariana, certo dia, vira a porta do quarto aberta, e entrara. A cama estava arrumada, com os fios dourados da colcha refulgindo à luz que vinha da janela. Foi sentar-se na cama e, com as mãos, começou a alisar o tecido macio.

"É aqui, ficou pensando, é aqui que os dois se rolam, se abraçam, se amam!..."

Deita-se de bruço no leito, encosta o rosto no travesseiro, aperta-o contra a boca, gemendo de desejo.

Neste exato momento, Corina entra, fica parada à porta, atônita. Mariana levanta-se petrificada. A patroa compreende tudo, só diz com desprezo:

- Vai arrumar suas coisas e pode ir embora, ~~sua~~ infeliz!

Depois se afasta.

Mariana vai guardar os trastes, as roupas humildes, o perfume barato, alguns exemplares do "Grande Hotel". Depois, sem despedir-se de ninguém, abre a porta dos fundos, ganha a rua, e ~~e~~ desaparece.

No mês seguinte é levada ao hospital, gravemente doente.

***

Doutor Josué sobe as escadas, ~~do casarão~~, atravessa o saguão.

Uma enfermeira ~~se aproxima e diz~~ vem lhe dizer:

- Doutor Josué, há um caso urgente na Enfermaria nº 4. É uma mulher de idade, com pneumonia. Creio que está muito doente.

O médico deixa o chapéu no cabide, segue com a moça. Enfermaria nº 1: lamentos, choros, um ancião tosse fundo, uma mulher soluça. Enfermaria nº 2, nº 3, nº 4. Abre a porta. Duas longas filas de camas brancas acolhem doentes anônimos. Na sala reina silêncio.

- É aquela, doutor, aponta a enfermeira.

O médico apanha o avental, caminha na direção indicada.

A paciente descansa, os olhos cerrados. Doutor Josué estaca na cabeceira, reconhece:

- Mas... É você, Mariana?...

A criada abre os olhos, reconhecendo aquela voz ~~inesperada~~ tão familiar. Sorri para o homem, e balbucia~~ndo~~:

- Sou eu mesmo, doutor... Sou eu, Mariana, a criada...

- Vamos ver o que você tem, para ~~curar logo a doença~~ ficar boa logo...

A enfermeira ajuda a erguer o corpo. Depois cobre as costas com uma toalha limpa, encosta a cabeça nelas, fica escutando.

Uma enorme emoção ~~sacode~~ agita o coração de Mariana, trazendo-lhe uma deliciosa sensação de prazer, um~~a~~ ~~ofogo~~ onda de sensualidade que sobe do fundo de si mesma. Entra em suas narinas um perfume masculino, misturado com cheiro de cigarro e loção de barbear.

Mariana ~~leva~~ pende a cabeça para trás, delicadamente, até tocar os cabelos do médico. ~~Fica~~ E vive~~ndo~~ um indizível instante de prazer, uma deliciosa e secreta entrega de amor.

Depois o médico asculta o peito, recosta a cabeça nos seios estéreis, que nenhuma mão acariciara.

O prazer cresce mais fundo na alma humilde da ~~mulher~~ empregada. ~~É quando, inesperadamente~~ De repente, ela vacila, solta um profundo suspiro, tomba de lado.

A enfermeira se precipita, estende-a na cama. Doutor Josué toma seu pulso, preocupado. Depois de alguns segundos, exclama, penalizado:

- Está morta.

Antes de afastar-se, estende as mãos e fecha as pálpebras de Mariana, em cujo rosto ~~pousara~~ parece pousar, pela primeira vez, ~~em sua pobre vida~~, uma alegria ~~muito~~ muito íntima, um prazer inefável ~~que ninguém percebeu.~~ que a tornara feliz, pela primeira vez.

O HOMEM DE FORA

O HOMEM DE FORA

Penetrando na pequena mata alcançava-se o lago. A paisagem, em volta, era diferente da outra a que estavamos habituados. Uma vegetação ~~muito~~ verde e espessa dobrava-se para as águas, semelhante a uma faixa de renda na orla dos vestidos. Aquela paisagem lembrava-nos isto, a mim e ao amigo Ricardo. Uma ~~picada~~ trilha conduzia ao extremo do lago, comprimindo-se entre duas pontas de terra pantanosa, onde cresciam plantas ribeirinhas.

Caminhavamos com cuidado, evitando o atoleiro. Grandes pedras, próximas uma das outras, levaram-nos ao lugar procurado.

A casa era realmente a descrita: pequena, velha e com a porta rachada. Temiamos aquele lugar por um motivo efetivamente estranho: o homem que nos ameaçara de morte convidou-nos àquela entrevista que, segundo nos explicou, elucidaria nossa situação.

Penetramos na cabana e procuramos os três compartimentos. Estavam ~~totalmente~~ completamente desertos. Sentamo-nos, em silêncio, em bancos de madeira ~~que encontramos~~ encontrados na primeira e maior das salas. Era, verdadeiramente, uma aventura estranha ~~que vivendo~~ estavamos. Só Ricardo conhecia nosso tardio hospedeiro, e falou, em tom baixo:

-"Pois é, Luiz, não sei porque fiz a besteira de me meter com este homem. ~~Já o havia notado desde o~~ Eu o conheci no primeiro dia de sua chegada à cidade. O tipo me intrigou, com aquele modo inusitado de andar com a cabeça pendendo para baixo, as mãos fincadas nos bolsos. Nunca o vi conversando com qualquer habitante da cidade, exceto o hoteleiro, a quem se dirigia raramente, com maneiras autoritárias. E no hotel o que mais intrigava era seu completo isolamento. Fazia refeições na última das mesas, com gestos comedidos e silenciosos. Era, enfim, um homem incomum, que muitos chamam de energúmeno, e, cada vez mais, aguçava minha curiosidade.

"Desejei aproximar-me dele, conhecer seu segredo, o mistério de sua vida. Mas temia a aproximação e os dias foram passando.

"Certa noite, no entanto, saindo do cinema, tive uma boa oportunidade para conhecê-lo. A pequena entrada da sala de projeção, única porta de acesso e de saída, ~~ao término das sessões~~, provocava

ao término da sessão, grande aglomeração de gente, ansiosa por livrar-se do ambiente ~~sufocante~~ viciado da sala. Os que saíam primeiro iam postar-se na beira da calçada, esperando os retardatários, aumentando ~~mais~~ a confusão.

Foi quando vi, numa daquelas situações, o estranho homem que saía, vestido com roupa escura e solene. Não chegara a descer o pequeno degrau do cinema quando um movimento inesperado chamou minha atenção. Ao lado dele, um homem gordo, com óculos de aro preto dominando o montanhoso nariz, dirigiu-lhe palavras de viva indignação. Aproximei-me e ainda o ouvi dizer:

- O senhor é muito atrevido! Percebi perfeitamente os olhares insistentes à minha senhora!

Formou-se em torno dos dois uma pequena aglomeração, tumultuada pelos frequentadores do cinema, desejando sair. Gente era empurrada, protestando, dando cotoveladas. Algumas mulheres começaram a gritar, crianças choravam.

O homem de óculos, cada vez mais ~~furioso~~ colérico, parecia que ia agredir o outro. Foi quando me interpús entre os dois, procurando acalmá-los, chamando-os à razão. Aí, então, o estranho homem falou, depois de haver permanecido absolutamente indiferente à fúria do antagonista:

- Desculpe-me, senhor, mas eu havia reparado que sua distinta senhora se parece extraordinariamente com minha irmã, que não vejo há ~~vários~~ muito anos.

Todos fitaram a senhora que, pálida, ~~estava~~ absorta, olhava vagamente o homem. Ao ouví-lo falar, voltara a si, como se saísse ~~de um sono~~ do torpor, e, após franzir os sombrolhos, reconheceu-o, ~~precipitou-se,~~ exclamando alegremente:

- Joel, mas é você, meu irmão?... Não pode ser, disseram que você havia morri...

A última palavra, tão inquietadora, foi interrompida, como se ~~um~~ o susto inesperado a ~~coagisse.~~ retivesse. O homem de óculos presenciava a cena ~~completamente~~ perplexo, procurando compreender o que se passava. A mulher, dominando as emoções, explicou, então, ao marido:

- Olhe, Lucas, é meu irmão mais velho, o Joel, que eu não via há quase vinte anos!...

Os três, então, se abraçaram, enquanto o grupo

se dispersava, comentando animadamente o incidente. Nada mais tendo a fazer naquele lugar, afastei-me, continuando a observá-los de longe. Vi que os três desceram a rua, conversando com excitação e intimidade.

Passou certo tempo, sem que algo se interpusesse entre mim e aquele estranho cidadão. Sabia apenas que Joel, assim chamado pela irmã, fora levado à sua casa, onde passara a residir.

Certo dia, inesperadamente, fui ~~interpelado~~ abordado por ele. Veio agradecer a interferência no incidente à porta do cinema. Falou-me discreta e sobriamente, mas com cordialidade. Encontramo-nos ~~mais~~ outras vezes e, certo dia, ~~acabei sendo~~ fui convidado para jantar em casa da irmã e do cunhado, seus hospedeiros. Fui lá mas, acredite, Luiz, disso me arrependi amargamente.

Foi um jantar penoso, durante o qual fui envolvido por uma atmosfera extremamente constrangedora. Longos silêncios pontuaram nossa conversa fria e convencional, vez ~~ou~~ e outra agravada por uma exclamação tola da dona-de-casa. Notei algo de pesado e inexplicável naquela família que, na certa, guardava um mistério que só ela conhecia. ~~cido por ela.~~ Saí enojado do jantar, durante o qual só dediquei ~~certa~~ simpatia por Lucas, o homem de óculos, que foi mais afável, menos cerimonioso.

Posteriormente tornei-me seu amigo e, através dele, fiquei conhecendo toda a história de Joel. Uma história infeliz e criminosa.

- Criminosa?!... - estranhei.

- Sim, de certa forma, prosseguiu Ricardo. O homem fora expulso da família e da cidade, ~~onde antes vivia~~ onde era respeitado, até conhecer a mulher que o infortunara. Ela tinha ~~somente~~ 15 anos, uma menina, portanto, e se apaixonou por Joel, homem de mais de 40.

Nunca se soube se ele correspondeu (efetivamente) ao afeto da adolescente. O fato é que a cidade ~~acabou~~ ficou, rapidamente, sabendo da estranha mancebia e foi tomada de grande indignação. A incontinência erótica do homem ~~havia~~ desrespeitado as tradições morais e sociais (do lugar). Devia pagar caro por isso.

Os parentes da menina, gente humilde, juraram vingança, o que levou Joel a se mudar depressa da cidade, após declarar que não se casaria de forma alguma com a moça. Aplacou a fúria dos

parentes dando-lhes polpuda importância em dinheiro e, com isso, conseguiu escapar da comunidade exaltada. Ninguém soube de seu paradeiro e, durante anos, a família não teve notícias dele. Carmen, sua irmã, casou-se com Lucas, o homem dos óculos e, por uma circunstância fortuita, reencontrou-o na mesma cidade onde viera residir.

- Esta foi a narrativa que Lucas me fez - continuou Ricardo. Durante algum tempo encontrei-me diversas vezes com os três curiosos personagens, sem que nossas relações se alterassem."

Neste ponto Ricardo interrompeu a longa narrativa. Ficamos, então, em completo silêncio. Um silêncio expectante, ~~que~~ nervoso. Fui espiar a janela. Ninguém. Voltei a sentar-me e falei ao companheiro de aventura:

- Ainda não atinei bem com a ameaça de morte.

Ricardo levantou-se, foi até a porta e voltou. Depois explicou:

- Vou esclarecer este fato, continuando a narração de meus contatos com aquele sujeito. Certa tarde, passando por uma das estreitas ruas de nossa cidade, mais ou menos próxima à "Zona", avistei-o caminhando ~~mais~~ adiante. Diminui os passos e passei a observar seus movimentos. Ele virou a esquina, tomou uma viela escura e suja, cercada por miseráveis casas de taipa. Levado pela curiosidade, seguí-o até vê-lo entrar numa moradia menos ~~miseravel~~ tosca do que as outras, quase ~~ao~~ no fim da ruela. Passei rapidamente diante dela, percebendo, de raspão, que o homem foi recebido por uma mulher. Caminhei alguns metros e voltei, intrigado, lutando contra dois pensamentos antagônicos: um, aconselhando terminar com aquela curiosidade mórbida, que já ~~beirava pelo~~ chegava ao desatino; o outro, menos conselheiral, espicaçando ~~mais ainda~~ minha curiosidade, animando-me a persistir na espionagem. Como sou, e sempre fui, um homem teimoso, dispús-me a desvendar aquele mistério de qualquer maneira, atraído pela personalidade complexa do herói de minha bisbilhotice.

Não foi difícil descobrir a identidade da mulher da ruela. Um morador vizinho, desentupidor de pias, que eu conhecia, contou-me que Joel passava frequentemente a noite com ela, sem que fossem casados. Disse-me ainda que ~~sabia haver~~ ouvira falar que aquela moça fugira de uma cidade distante, vindo juntar-se ao homem. Foi só o que fiquei sabendo.

Mais tarde, esmiuçando aqui e ali, acabei descobrindo ser ela a mesma adolescente que, anos atrás, se tornara sua amante.

Era, agora, uma mulher solitária, envelhecida e decadente. Parecia continuar sob o domínio do amante, incapaz de escapar de sua despótica influência.

Passei a devotar ao corruptor um sentimento de irresistível desprezo. Comecei a tramar sua expulsão da cidade. Até que, dias antes, recebemos a ameaça de morte."

Os passos de alguém, que se aproximava, interromperam, neste ponto, a narrativa de Ricardo. Levantamo-nos ~~dos lugares~~ e ficamos esperando.

A porta rangeu e, por ela, deu entrada na sala o objeto de nosso insopitável interesse. Vinha só, sem nenhuma atitude de ameaça, ou de rancor. Pelo contrário, sua figura era lamentável: curvo, humilde, parecia acovardado. Veio ao nosso encontro e, antes de dizer-nos qualquer palavra, caíu num choro convulsivo. Penalizados, fizemo-lo sentar-se na banqueta, procurando confortá-lo:

- Ora, ora, senhor Joel, não há motivos para choro! Procure acalmar-se, não queremos, de forma alguma, fazer-lhe qualquer mal... Somos seus amigos!

Ao ouvir estas últimas palavras, o homem se recuperou instantaneamente, ergueu a cabeça, reconquistando a dignidade. Secou depressa os olhos, que voltaram a ser duros, e nos respondeu, gélido:

- Não são meus amigos! ~~São amigos do demônio!~~ São pessoas intrigantes e bisbilhoteiras! Não tenho amigos nesta cidade, não admito hipocrisias!

- Alto lá, senhor Joel! - respondi, com o brio ofendido. Acho bom calar a boca, senão vai se dar mal conosco! Viemos ao seu encontro convidados pelo senhor mesmo, e não admitimos desaforos!

O homem, então, ficou mais tranquilo, cordato, quase intimidado. Convidou-nos a sentar, tirou um cigarro, acendeu-o, tragou, expeliu a fumaça e começou a falar:

- Os senhores se meteram em minha vida, como todas as pessoas desta cidade. Ninguém tem nada com minha vida particular, e nem mesmo a Deus presto contas, pois Deus não se ocupa destas miudezas. Mas já que se preocupam tanto com minha vida, venho informá-los, pela primeira

e derradeira vez, que aquela moça, com a qual já me viram, é uma doente mental incurável. Não fosse meu desvelo, já se teria matado. Dedico-lhe amparo permanente, uma integral dedicação, todo meu afeto. Não devo nada a ninguém, vivo exclusivamente de meu trabalho, ~~minha vida~~, não me envolvo em questões alheias, e exijo que procedam da mesma forma ~~para~~ comigo!

Dizendo isto, ergueu-se, jogou fora o cigarro, abriu a porta a saiu. ~~partiu.~~

Ficamos os dois, Ricardo e eu, completamente bestificados. ~~abobalhados~~. Nada dissemos, durante algum ~~longo~~ tempo. Depois, mudos e envergonhados, ~~também~~ partimos, cada qual para seu lado. ~~destino~~.

Na manhã seguinte, a cidade despertou com a dramática notícia do suicídio de Joel e de sua protegida. Fomos ver os corpos, na casa humilde do bairro. Estavam estendidos na cama, enrijecidos pelo veneno. Tinham as mãos dadas e, em seu rosto, não descobrimos nenhum sinal de sofrimento.

E S P E R A N Ç A

A respiração ofegante do homem perturba o silêncio do quarto. O [illegible] é o povo [illegible] na semi-obscuridade provocada pela janela fechada. Uma mosca levanta vôo em intervalos e vai [illegible] na mesinha de canto.

Ao lado da [illegible] Vera vigia os olhos cerrados do marido. Preferiria estar ajoelhada no banco da igreja, o terço apertado nos dedos, balbuciando preces na manhã fria.

O médico se retirara minutos antes. Tudo agora está quieto. Um jarro vermelho mancha a parede, a pia claríssima espera a água estancada na torneira, tudo tão calmo! Vera medita sobre o contraste dessa ambiente e o de seu apartamento, na rua movimentada, de tráfego intenso. O silêncio quase dói em seus ouvidos.

No leito o peito de Aprígio levanta-se e desce nervosamente, a respiração difícil, espantando [illegible] colcha imóvel.

Depois vai acordando lentamente, enquanto a seu espírito acodem sons longínquos, ainda indistintos. Vem do fundo um ruído agudo, como uma sirene, penetrando na memória. As pálpebras ficam mais leves, colorindo-se de vermelho do sangue que circula e onde flutuam novamente pontinhos irriquietos, no meio dos quais surge, de repente, um pequeno círculo que começa a cair, diminuindo como no interior de um poço.

Vai sentindo um estranho amolecimento no corpo, percebe que está deitado, colocado em local [illegible] seu apartamento. Vai ouvindo, agora mais distintamente, a aproximação do barulho leve no corredor, e que depois se afasta. Sente uma grande fraqueza aniquilando [illegible] músculos, os olhos pesando como [illegible]. Aquele som naturalmente crescente, agora mais próximo, reunindo o buzina do automóvel, o ruído metálico das freios na rua. Arrancando, agarrando e se interrompendo de sábito.

Está quase atordoado, sente ainda se enfraquecer [illegible] pressentindo sensações desagradáveis, [illegible] ESPERANÇA [illegible] na memória. Inesperadamente, [illegible] recomeça de [illegible] aparecer [illegible] como bólido, do burgue, ao [illegible] [illegible] na [illegible] [illegible] [illegible]

E S P E R A N Ç A

A respiração ofegante do homem perturba o silêncio do quarto. O branco da cama e do lençol, um ponto destacado na semi-obscuridade provocada pela janela fechada. Uma mosca levanta vôo em intervalos e vai pousar na mesinha do canto.

Ao lado da cama Vera vigia os olhos cerrados do marido. Preferiria estar ajoelhada no banco da igreja, o terço apertado nos dedos, balbuciando preces na manhã fria.

O médico se retirara minutos antes. Tudo agora está quieto. Um jarro vermelho mancha a parede, a pia claríssima espera a água estancada na torneira, tudo tão calmo! Vera medita sobre o contraste deste ambiente e o de seu apartamento, na rua movimentada, de tráfego intenso. O silêncio quase dói em seus ouvidos.

No leito o peito de Aprígio levanta-se e desce nervosamente, a respiração difícil, espantando a quietude das coisas imóveis.

Depois vai acordando lentamente, enquanto a seu espírito acodem sons longínquos, ainda indistintos. Vem do fundo um ruído agudo, como uma sirene, penetrando na memória. As pálpebras ficam mais leves, colorindo-se de vermelho do sangue que circula e onde flutuam novamente pontinhos irriquietos, no meio dos quais surge, de repente, um pequeno círculo que começa a cair, diminuindo como no interior de um poço.

Vai sentindo um estranho amolecimento no corpo, percebe que está deitado, colocado em local que não é seu apartamento. Vai ouvindo, agora mais distintamente, a aproximação de passos leves no corredor, e que depois se afastam. Sente uma grande fraqueza aniquilando os músculos, os olhos pesando como rocha. Aquele som novamente cresce, agora mais nítido, recordando a buzina do automóvel, o ruído metálico dos freios na rua, crescendo, crescendo e se interrompendo de súbito.

Está agora acordado, mas ainda se esforça para compreender sensações esquisitas, idéias desconexas, sons inusitados na memória. Inesperadamente, assustando-se, recorda-se de tudo, do carro que vem como bólido, do terror, no instante final, da buzina estridente, dos freios, da intenção de saltar de lado, do impacto, a dor fantástica, o escurecimento.

Sente que lhe voltam percepções sutis, o pescoço doendo, inclinado para o lado, o osso rígido, como ~~quebrado~~ (se estivesse partido em dois), o braço direito pesado e insensível, imóvel sob os lençóis. Procura movê-lo, sente-o comprimido para baixo, procura movimentar os dedos e percebe o sangue que transita nas veias e nas extremidades. Agora o calor das cobertas se insinúa pelos poros, a maciez do tecido aquece sua epiderme. A cabeça dói, procura mudar a posição, vira-se um pouco, enxerga, junto à cama, o rosto aflito de Vera, que fala baixinho:

- Aprígio, está acordado?...

Ouve as palavras, como um eco enfraquecido, espera um pouco, para que fiquem mais inteligíveis. Vera, talvez pressentindo o esforço, repete:

- Aprígio, meu bem, está acordado?... Está me ouvindo?

Uma grande ternura, uma alegria ~~renovada~~ inesperada descontrai a expressão de seu rosto, apaziguando. Responde, fracamente:

- Sim, Vera, acordei. Estou ouvindo...

Depois passeia os olhos pelo quarto, ~~percebe~~ absorve os objetos, a pia, a janela, a mesinha, o jarro, o quadro ~~acadêmico~~ na parede.

Vê o braço estendido da mulher, ~~se estendendo~~, a mão que toca sua fronte, sondando febre. Uma fadiga mole obriga-o a fechar os olhos. Aquela mão refrescada transmite-lhe ~~um~~ grande alívio. Relembra a manhãzinha na infância, a mãe que o acorda, sacudindo seu corpo, ouvindo, entre o sono e a lucidez, a doce voz que repete:

- "Meu filho, acorda, está na hora da escola..."

Não reage ao sono, entregue à quentura da cama, mas a luz forte da janela, a presença vigilante da mãe e, afinal, a noção mais consciente da realidade obrigam-no a levantar-se, sem grande entusiasmo.

Agora esta mão sobre sua fronte começa a pesar. Ergue o braço, afasta-a lentamente, fica pensando no quarto, sentindo o aroma esquisito que penetra, o odor de remédio, éter, iodo, o cheiro inconfundível de hospital. A sensibilidade do olfato pre~~pondera~~ domina, provoca-lhe um estremecimento de medo, pela associação com o desastre.

Um pressentimento doloroso agita seu espírito. Tem agora a consciência nítida do desastre e recorda, em pânico, o acidente que vitimou o primo Zezito, e volta ouvir as palavras terríveis de antigamente:

- "Vai ter de amputar a perna!..."

Um medo terrível toma-o de assalto, ~~contamina~~ extingue o resto de força, o leva a concentrar toda a atenção na extremidade da cama.

Aperta a perna direita, sente os músculos endurecidos, o sangue circulando. Em lugar da esquerda, o vazio assustador, como uma câimbra dolorosa. Abre os olhos, fixa violentamente o lugar, segura a ponta do cobertor, reúne forças. Depois, de um só golpe, puxa-o até o pescoço, o olhar aflitíssimo. Avista a perna direita e, à esquerda, somente o colchão, que a brancura do lençol destaca ainda mais. Ergue o tronco, para ver melhor, enxerga somente um monte de pano e gazes à altura do joelho.

Tomba a cabeça no travesseiro, o desespero latejando, deixa escapar um gemido abafado.

***

A cama se curva com o corpo, abaixa-se mais uma vez, outra vez, e tudo fica parado. Pouca luz dentro do quarto do hotel. Lá fora também as luzes definham.

Aprígio fecha os olhos, abrindo as portas de um outro mundo secreto. O mundo de fora, real e implacável, esmagando sua fé. O chinelo deve estar cansado do tapete, como um gato sonolento. ~~Julga que um gato esteja deitado a seus pés, como no conto. Mas não deseja esmagá-lo, o sofrimento o irrita.~~

~~Depois~~ E abre os olhos: peças de roupa, caídas na cadeira, reconstroem Vera e sua aflição. Gosta muito do vestido estampado, do tecido, de suas cores. "Foi presente de aniversário", recorda, enternecido. Vera me abraçou, afaguei aquele corpo querido. Vestido lembra sempre um prazer. Vera quase nunca o veste, "está ficando velho, fora de moda", ~~como~~ ela explica.

Pensa na velha espingarda, recostada à parede. A boa arma ~~de~~ das caçadas, companheira de bons momentos, ~~da vida~~, do vento fresco no rosto, purificando a mata adormecida, espantando animais que acordavam pela última vez e tombavam no chão. A correria das lebres, os guinchos dos macacos, o vôo das codornas. "A espingarda deve estar enferrujada, aposentada para sempre".

Procura dormir, mas está sem sono. "O melhor é esperar por Vera. ~~que~~ Ela demora tanto a chegar".

Saíra para compras, já devia ter voltado. O jantar no

hotel é servido cedo, já ouvira a campainha chamando, há vários minutos.

Poderia ter saído com ela, mas ~~sentia-se~~ estava cansado, muito cansado. Está cheio de tédio, de uma preguiça ~~pegajosa~~ penetrante que entorpece ~~os~~ seus músculos. Talvez seja ~~a~~ gripe, ou um resfriado, ou somente a falta de sono. No íntimo, sabe que a causa verdadeira é ela. Novamente observa o vestido, imaginando-o no corpo de Vera, enchendo-se dela, de suas coxas, de seu busto atraente. Sente um estremecimento, parece enxergar sangue que escorre do tecido. Sangue pingando, compassadamente, como gotas ~~d'água~~ numa pia. Os minutos pesam em seu pensamento, a cor vermelha tinge paredes, janelas, porta, todo o interior do aposento.

Respira com aflição, sob o peso de tantas recordações dolorosas. Quer lembrar-se de coisas agradáveis, como as viagens, as longas viagens que ~~tanto amava~~ fazia antes, ~~junto~~ com a mulher. Por que não pensar no filme ~~de~~ que viram ontem? Era divertido, riu muito das bobagens do ator cômico, das situações difíceis em que se metera.

- Está se divertindo? - perguntara baixinho à mulher, roçando seu rosto.

- Estou achando uma droga! ~~sem graça~~! - ela respondera, enfastiada.

"Vera ~~está diferente~~ parece tensa, irritada, impaciente," pensa Aprígio. E procura pretextos para entendê-la. Recorda-se, ~~no entanto~~ por exemplo, que depois do acidente fizera tudo para ocultar o defeito físico, tornara-se submisso, satisfazendo sua vontade, ~~despersonificando-se~~ despersonalizando-se.

Esperava, com paciência, que as coisas se acomodassem e ela se habituasse ~~com~~ à realidade.

Nos primeiros tempos, perguntava, hesitante, se Vera ficava constrangida, caminhando a seu lado. Ficava melancólica com a pergunta, abraçava-o, beijava-o, dizendo que gostava dele como antes, que nada mudara, ele era sempre o mesmo, com seu carinho, sua ternura. Depois, com o passar dos dias, os protestos foram esmorecendo, cedendo lugar a um protesto frio, convencional, sem o calor antigo da sinceridade. Respondia-lhe, agora, quase irritada:

-"Já te disse, Aprígio! Deixa de bobagem, parece uma criança mimada!..."

Aprígio rememora os dias aflitos na cidade do interior, a vida bocejando, vazia e inútil, na tentativa de esquecer o

passado. Um único gesto, no entanto, era suficiente para trazê-lo de volta à realidade, como naquela manhã, fingindo que dormia, quando a vira acordar, sentar-se na cama, os braços dobrados sobre os seios, voluptuosa, sonolenta, provavelmente ~~ainda~~ afetada pelo sono erótico~~da noite~~. Quando abriu inteiramente os olhos e percebeu a realidade, ~~reagira como um susto~~ assustara-se, voltara a estender-se na cama, triste e infeliz.

Alguém bate à porta.

- Quem é?

- Está na hora do jantar, "seu" Aprígio.

- Está bem, obrigado.

"Esquisito a Vera demorar tanto. É melhor me levantar".

Salta da cama, ~~em~~ e grande cansaço tirando o prazer da vida. Uma perna atinge o assoalho, depois a outra, mecânica, desequilibradamente. Vai ao espelho, penteia-se. Depois veste o paletó, volta a sentar-se na cama.

São seis e meia. "É impossível tanta demora, deve ter acontecido alguma coisa".

Levanta-se de novo, caminha pelo quarto, pisando com força o assoalho, a perna mutilada ~~ferindo a lombrança~~, pontuando sua aflição. Vai à janela, afasta a cortina, observa ~~aos~~ a rua, os homens que circulam, os automóveis que transitam. Ouve gritos de camelôs, rádios tocando nos bares. Hóspedes chegam para o jantar, uma mulher se aproxima, apressada.

"Vera?... Sim, é ela, finalmente!"

Parece aliviado, imagina a mulher que sobe as escadas, o olhar dos hóspedes, sentados nas cadeiras e poltronas, acompanhando sua passagem, ~~admirando e~~ desejando seu corpo.

Pára de caminhar, e espera. Ouve os passos que se aproximam. Uma antiga imagem ~~retorna em~~ volta à sua memória. Naquela noite, na fazenda, devia ter uns 13 anos, levara um grande susto, ouvindo, com a atenção fixa~~da~~ no escuro, passos furtivos no corredor, arrastando-se, chegando cada vez mais perto da porta.

Batem à porta. Aprígio, ansioso, vai abrí-la. Vera entra, atira a bolsa na cama, senta-se estrepitosamente numa cadeira, exclamando:

- Puxa, estou exausta! Não parei um instante: compras, visitas, a cacete da Glorinha me prendendo de loja em loja, sugerindo coisas... Mas, o que tem você, Aprígio? Está pálido...

- Não é nada... Uma dor de cabeça terrível!

- Então é melhor tomar um comprimido. Espere, tenho um na bolsa...

Vera levanta-se, mas Aprígio a detém, enlaça-a cheio de ternura.

- Não é preciso, meu bem. Vera, fiquei aflito com a demora, você me faz ~~muita~~ tanta falta!...

Toma-a nos braços, abrasado, um sentimento de felicidade penetra seu corpo, areja ~~a~~ sua alma. Mas começa a sentir a pressão de Vera, tentando escapar. ~~de seus braços~~. Seus pensamentos novamente se agitam, percebe que ela ~~procura~~ quer libertar-se, afastando os seios, empurrando-o com as mãos. Aprígio ainda ~~quer~~ tenta detê-la, nervoso, quase impaciente.

- Mas, o que é isto, Aprígio?! Está me machucando! Me largue, homem, não é hora disto!...

Deixa tombar os braços, vencido. Fica parado, os olhos fixos ~~em Vera~~ nela, ~~que se afasta~~. Uma enorme angústia ~~enorme~~ exgota ~~alquebra~~ suas forças, traz a revelação definitiva da verdade, corrói a última esperança. Sente-se só, terrivelmente só, derrotado, e sem amparo. Cai sobre a cama, e balbucia:

- Vai jantar, Vera, não posso ir agora. Vou tomar um comprimido, esperar que passe a dor de cabeça...

Fica esperando a reação dela. Talvez se ~~jogue em seus braços~~ aproxime, peça perdão, se explique: estava cansada, nervosa, ~~ainda~~ mas gosta muito dele, ainda o ama, como antes. Fica esperando, ~~uma~~ a efêmera expectativa pulsando no tempo. Mas Vera se afasta, abre a porta, deixa o quarto.

Aprígio novamente fica ~~novamente~~ só, com seu suplício.

***

Estendeu-se sobre a cama, vestido de terno e gravata, calçado com os sapatos pretos.

Depois apanhou, da mesinha de cabeceira, o frasco de calmante. Despejou as cápsulas na mão e, com o copo de água, enguliu-as até esvaziar todo o vidro.

Fechou os olhos, ficou esperando. O primeiro sintoma da morte foi uma espécie de náusea que subiu do estômago e deixou na garganta um gosto ~~de coisa~~ amargo.

Depois começou a ter sono, uma sensação de queda no espaço, perdendo a noção de volume, de peso e consistência. Os ruídos externos, entrando pela janela, começaram a distanciar-se. Tudo ficou mais simples, reduzido a alguns planos sensíveis, quase indistintos. Sentiu-se leve, capaz de flutuar no espaço, na obscuridade, como folha ou ~~de árvore~~. pétala.

Em sua memória, cada vez mais entorpecida pelo sono, desceram lembranças absortas, sem duração e nitidez.

Começou a ter medo, procurou juntar o resto de força, a parte iluminada do espírito que, lentamente, ia se cobrindo de névoa.

Pensou em Vera, apegou-se nela como a última fresta ~~oportunidade~~ para viver. Tentou levantar-se, mas, sem nenhuma energia e noção de espaço, tombou de novo no leito, firmando os olhos, com angústia, nos objetos pouco a pouco deformados.

Ainda ouviu alguns ruídos além das paredes do quarto. Pareceu ouvir alguém subindo as escadas. Talvez ~~fossem~~ os passos de Vera.

Ficou esperando, comunicando-se com o mundo por ~~os~~ restos ~~sinais~~ cada vez mais débeis da consciência.

A esperança ainda o susteve até o derradeiro limite da vida, sugando ~~dela~~ o último gole de fé.

Mas a esperança também se perdeu no pedaço de luz que, de repente, se dissolveu no abismo.

O CAMINHO

Estou hoje mais do que nunca desanimado. Deixo que o sol forte do meio-dia queime meu rosto que transpira. Sinto que os músculos se vão amolecendo, perdendo aquela consistência rígida, como se cessasse a antiga força.

Apoiando a vista nesse céu claro e sem nuvens vejo o velho caminho arenoso que os raios do sol vão enrugando. Ontem choveu muito, mas hoje já quase não se percebe o barro que atravancou a estrada.

Deixo meu pensamento correr livre. Cada paisagem transmite uma recordação que me agita. Antes das tristes horas que me vão acontecendo, uma sua tranquila inspirava pensamentos apaziguador. Agora, no entanto, são febris, [illegible] pelo desânimo e a desesperança.

Sou constantemente alertado pela verdade de uma situação a que me sujeitei através de sofrimentos acerbos acumulados. Essa realidade implacável se impõe, como dor que desaparece momentaneamente, mas depois volta com mais força.

Viro um pouco o rosto e vejo o casarão da fazenda. Sim, com a memória, por acontecer que meus passos conhecem tão bem.

Minha casa... Minha casa... Várias vezes cheguei repetindo estas palavras, numa tentativa inútil para apagar o sabor desagradável nessa casa, Lessa casa...

Dentro daquelas cômodos sinto caminhar minha mulher. É provável que me espione pela janela. Depois que descobri seu vulto me acompanhando, assustado e incrédulo, fui arrastado daqueles lugares onde meu corpo repousa. [illegible] e vi à janela. Tenho a certeza, também, que ela [illegible] e muita perseguição, [illegible] a vigiar-me, [illegible] em algum lugar, com de mesmo [illegible] propriedade.

Dentro agora em meu quarto [illegible] na [illegible] de [illegible] como [illegible] [illegible] [illegible]

O CAMINHO

Estou hoje mais do que nunca desanimado, deixo que o sol forte de meio-dia queime meu rosto que transpira. Sinto que os músculos se vão amolecendo, perdendo aquela consistência rígida, como se cansassem da antiga força.

Abaixando a vista deste céu claro e sem nuvens vejo o velho caminho arenoso que os raios do sol vão enrugando. Ontem choveu muito, mas hoje já quase não se percebe o barro que atravancou a estrada.

Deixo meu pensamento correr livre. Cada paisagem transmite uma recordação que me agita. Antes das tristes coisas que me vão acontecendo, uma paz tranquila inspirava pensamentos apaziguados. Agora, no entanto, são febris, ~~arqueados~~ inebriados pelo desânimo e a desesperança.

Sou constantemente alertado pela verdade de uma situação a que me sujeitei através de sofrimentos morais acumulados. Uma realidade implacável se impõe, como dor que desaparece momentaneamente, mas depois volta com mais força.

Viro um pouco o rosto e vejo o casarão da fazenda. Sigo, com a memória, por aposentos que meus passos conhecem tão bem.

Minha casa... Minha casa... Várias vezes ficava repetindo estas palavras, numa tentativa inútil para apagar o outro possessivo: nossa casa, nossa casa...

Dentro daqueles cômodos sinto caminhar minha mulher. É provável que me espione pela janela. Depois que descobri seu vulto me acompanhando, assustada, incrédula, fugi enraivecido deste lugar onde meu corpo repousa, e nunca mais a vi à janela. Tenho a certeza, contudo, que ela dissimula a muda perseguição, continua a vigiar-me, escondida em algum lugar, com os mesmos olhos marcados ~~da~~ pela perplexidade.

Penso agora em meus velhos pais que se arrastam pela casa, os cabelos brancos como bandeira roída pelo tempo. Tenho a impressão de que também notaram ~~minha~~ a transformação de minhas atitudes mais esquivas. Pareço agora mais mecanizado e sei que me brutalizei pelo sofrimento.

Ontem levantei-me de madrugada, antes da chuva, per-

corri lentamente os pátios silenciosos. A claridade pouco a pouco invadia o espaço. Senti forte~~mente~~ indiferença pela natureza que meus olhos tanto amavam, ~~antes, [illegible]~~ ~~e que me traziam~~ trazendo-me o ~~prazer de sentir o~~ aroma da terra molhada pelo orvalho da noite, a alegria ~~de ver os~~ dos campos florindo na primavera.

Olho em volta, buscando o encanto perdido, o fascínio de outros tempos. Nada mais encontro do que a melancólica paisagem de decadência e velhice, as árvores perdendo o viço, o chão pisado pelo gado, ou pelos pés ~~sujos~~ dos trabalhadores, tudo terrivelmente imutável.

Sei que hoje vai acontecer a mesma coisa de sempre: subirei o patamar de entrada, Glorinha estará dormitando na cadeira de balanço, fingindo um sono preguiçoso para que eu possa apreciar o busto cheio, o pescoço bem torneado, os seios jovens. Mais uma vez, entretanto, passarei por ela como um estranho. Aquele corpo perdeu todo o encanto para mim. Reconheço a injustiça das humilhações que imponho àquela mulher indefesa. Cheguei, contudo, a tal grau de saturação que não consigo mais disfarçar esta indiferença. Se Glorinha fosse mais inteligente saberia compreender a verdade de nossas vidas diversificadas pelo antagonismo ~~de temperamentos~~. Ou perceberia o ridículo de certas atitudes, descobrindo que sou um homem oposto àquele que moldou em seu espírito simplório.

Estas últimas palavras me transportam, inevitavelmente, para Madalena, a outra mulher que vive no extremo do caminho, e para quem meu pensamento se dirige, como força irresistível ~~do contraste~~.

Pouso agora o olhar na estrada, sigo por ~~seus~~ metros e quilômetros. Minhas lembranças se acumulam, sinto um grande abatimento, uma enorme e pesada tristeza ~~volta a pesar~~.

O caminho transporta-me para a pequena cidade plantada no vale, cheia de ecos e do puro ar que a mata renova e perfuma.

Ali reside Madalena, na ~~em~~ casa florida e ensombrada por ~~pela~~ plantas e fruteiras. Por mais que me esforce em ~~por~~ recordar a infância, vivida naquelas ruas tortuosas, subindo encostas e morros, sei que tudo converge, como luz inesperada, para Madalena, para sua silhueta, ~~delgada~~, seus olhos negros, ~~e profundos~~, guardiões de um segredo

que também conheço. Tudo me transporta àquela estreita rua ao pé do morro, onde caminho com emoção, até chegar ao número 52, onde páro, abro o portão, atravesso o jardim e bato à porta de entrada. Madalena vem abrir, caio em seus braços, abrasado de amor.

Sinto a transpiração que escorre como gelo pelo corpo, pelo peito onde apontam ossos. Levanto-me desesperado, uma sensação de aniquilamento prosta-me como se fosse um ancião. Sinto-me vazio por dentro, acho que não viverei muito e me espanto em não sentir nenhuma tristeza com esta idéia.

Minha mãe agora se aproxima da memória, caminha com os passos lentos, a saia simples se arrastando pelo assoalho. Aquela face, que já foi bela, está hoje rasgada por rugas e os olhos não têm mais brilho, os lábios vão murchando. Ela me fala, docemente, como naquela noite:

- "Meu filho, tome cuidado com a saúde... Você está tão magro..."

Sinto imensa nostalgia, deito-me, fecho os olhos, procuro esquecer este calvário. Tudo vai perdendo o antigo vigor de vida: o odor de coisas velhas invade os aposentos; as paredes descascam e perdem cores; os "abat-jours" e as cortinas amarelecem; os vidrilhos quebrados não se esfregam mais festivamente, como noutros tempos.

***

Afasto-me cada vez mais de Glorinha, sei que a faço sofrer e, com frequência, a humilho com a indiferença. Já a teria abandonado se Eduardo não nascesse parecendo, agora, compreender o drama conjugal a que assiste com melancolia.

Para Glorinha o casamento reduziu-se, durante anos, às horas abrasadas de amor. Fora do leito, onde crepitava, e se exauria, só a rotina fastidiosa, a inércia, o desperdício de horas mortas e desestimulantes. Aquele corpo aceso pelo desejo começou a perder o sentido de equilíbrio. Glorinha não compreendia os motivos profundos de minha repulsa. Percebia, talvez, certas reações de impaciência, não compreendia minhas palavras, quando eu dizia que a vida deveria desfrutar-se com parcimônia, sem sofreguidão.

Várias vezes me levantava, no meio da noite, ia

refugiar-me no escritório, trancando-me por dentro. Ficava esticado na poltrona, deixando os pensamentos vagando, perdendo-se em caminhos imaginários, ou buscando desvios de fantasia.

Recordo-me da noite em que ouvi passos no corredor, aproximando-se, furtivamente, do escritório. Caminhei até a porta, que abri de repente. Glorinha estava parada, olhando-me com espanto, uma interrogação marcando a face decomposta. Senti um grande sentimento de piedade, afaguei seus cabelos, dizendo carinhosamente:

- Não é nada, Glorinha, vai deitar-se... Estou sem sono, lendo um pouco. Vai deitar-se...

Ela ainda ficou alguns segundos parada, depois se afastou. Fiquei olhando aquele vulto sem sentido, evaporando-se na treva, instantaneamente clareado no fim do corredor, pela faixa de luz que saía ~~de um~~ do quarto entreaberto.

***

Vejo adiante o gado cortando o caminho, subindo o barranco, espalhando-se no pasto.

O caminho... O caminho... Não consigo dissociá-lo de Madalena, tão enraizada nesta terra inundada de sol.

Recordo nosso primeiro encontro, quando voltei à cidade, formado e casado. ~~com Glorinha.~~ Pensando em montar escritório, fui visitar alguns locais e, dobrando uma esquina, dei com ela, ~~que~~ voltando da escola, onde ~~dava aulas~~ lecionara. O rosto pouco mudara, lembrando a menina ~~de anos atrás~~ da infância, delicada e frágil.

Dias ~~mais tarde~~ depois aproximei-me de sua casa e vi, de longe, seu vulto na sala, tocando o velho piano de armário, fazendo soar, ~~descendo~~ dos dedos finos e ~~longos,~~ compridos uma melodia nostálgica. Fiquei, durante ~~longo~~ muito tempo, ouvindo, ~~semi~~-escondido pela ~~trancada~~ aroeira.

Comecei, sem resistência, a amá-la, com um amor descarnado e lírico, como ~~uma~~ lembrança doce emergindo do passado, banhada de ternura.

Transformou-se num anseio apaixonante. Cobicei aquela vida recatada, desejei conhecer aquela alma secreta e musical. Procurei, com mil cautelas, acercar-me dela, conquistar sua estima e confiança.

Ela própria, inesperadamente, certo dia, entre-

gou-se a meu desejo, narrando fatos de minha infância de que eu ~~mesmo~~ me havia esquecido.

Passei a frequentar sua casa, onde vivia com uma velha tia. Fui seu confidente, desfrutamos juntos horas discretas e sensíveis. Mas ~~M~~inha felicidade se esvaia ~~perdia~~, assim que meus pés pisavam o caminho de volta, devolvendo-me ao outro mundo. Subia as escadas do casarão da fazenda como se entrasse num universo de tormento . Transformei-me num homem de ambiguidade, ~~e dualismo~~, dividido ao meio, sem unidade e coerência.

Parece que, agora, Glorinha vai compreendendo um pouco esta pobre vida partida. Talvez suspeite de alguma coisa, ~~séria~~, que desconheça. Ou acabe por conhecer todo o mistério. Deixo, no entanto, que as coisas sigam por si. Não sinto remorso de meus atos. Minha dignidade se aniquila no fatalismo, no subterfúgio e na ~~da~~ mentira.

Definho lentamente, e até cultivo com prazer a decadência que desenha novos contornos em minha vida moral.

O desejo muito forte ~~e irresistível~~ de rever Madalena, desfrutar seu mundo solitário, amanhã novamente me fará pisar este caminho que entrecorta ~~divide~~ minha pequena existência.

Sinto apoderar-se de mim uma grande fadiga ~~cansaço~~. Ergo-me deste lugar aquecido pelo corpo. Percebo minha fraqueza, apalpo meus ossos, o corpo que resseca.

Agora caminho na ~~nesta~~ estrada, ~~M~~eus passos afundando-se ~~n-se~~ na poeira, deixando para trás marcas sofridas. Caminharei até o outro lado do mundo, o lado extremo de um amor sem destino.

***

Madalena começa a sentir, levemente, um suave ~~leve~~ frescor no rosto, tem a percepção da rigidez da mão fora das cobertas.

Os olhos pouco a pouco emergem ~~se aliviam~~ do sono, a membrana das pálpebras se avermelha vagarosamente. As primeiras luzes da manhã, purificadas pela noite, invadem lentamente ~~começam a invadir~~ o quarto.

Madalena começa a sentir a vibração de sons longínquos, chegando como sinais do dia, despertando ~~altas~~ montanhas e o vale em repouso. Um som grave e constante dissolve o silêncio, abre os olhos de Madalena. Ele cresce, estremece as folhas do jardim, entrecortado pelo canto do galo que saúda a madrugada.

Deixa nascer uma alegria macia e atônita, uma sensação de leveza, uma gostosa dormência. Fixa-se na sirene da fábrica, no canto dos galos, nos passos de operários que vão trabalhar. Deixa a vida inundar o quarto, reviver ~~rescender~~ o aroma ~~odor~~ de móveis, do tecido ~~panos~~ e velhas madeiras.

Entrega-se, com volúpia, à luz renascente. Hospeda o frio da manhã, o perfume ~~aroma~~ das flores, os ruídos que chegam de fora. Descobre cores que ressuscitam, ouve o rodar da carroça, sulcando o chão.

O fino tinir de louças, o filete de água, enchendo o copo, o café despejado na chaleira, o canto do canário, de outro pássaro, mais outro, outro mais, vão orquestrando a aurora. Tudo agora se mistura numa algazarra de sons desencontrados, pontua o andar de gente humilde, de crianças que vão à escola.

Madalena sente o sangue que circula, desfruta instantes de vida e de amor. Fecha os olhos, gozando a percepção do amanhecer. Delimita ruído ~~sons~~ externos, dá forma ao barulho de máquinas que se movimentam, batendo polias. Um carro-de-bois geme na estrada, uma mulher bate roupa, um homem assovia, mais longe.

Abre, de novo, os grandes olhos negros, vai distinguindo a linha cansada dos móveis e objetos, do guarda-roupa, encostado à parede, da mesinha com a toalha bordada, das cortinas de cores esmaecidas. Depois enxerga a cadeira, sobre a qual jogara o vestido, na véspera.

É quando estremece, lembrando-se repentinamente de Armando, como num susto. A lembrança golpeia os ~~toca os~~ objetos, corporifica o espaço e o enche de aflição.

Um grande desânimo alquebra ~~abate~~ suas forças. Estica cansadamente o corpo, deixa tombar a cabeça no travesseiro. Sabe que, ao pisar o tapete, Armando se apossará dela. Ao abrir a porta ele se incorporará a tudo, a toda a casa.

Reconstrói o vulto do amante ~~de Armando~~, que envelhece, consumido pela amargura, sem capacidade para decidir. Relembra as horas perdidas, a desesperança que cresce como fatalidade. Tentara reagir, renovando a espera, a inquieta expectativa. O que crescia nela, na verdade, não era a confiança, mas uma ~~a~~ certeza fria de cansaço, de desalento, de inutilidade.

Agora a manhã está encharcada ~~impregnada~~ de medo, de espanto,

de indecisão.

"Armando virá hoje? Atravessará o caminho, abrirá o portão, transporá o jardim, baterá à porta de entrada?"

Recria, na memória, um itinerário compassivo e sem futuro. E estremece, tragada pelo abismo em que se deixa engolfar, como um caminho vertical que leva ao nada.